

DEPARTAMENTO DE LETRAS
Literatura, Arte e Pensamento Contemporâneo

A Alquimia da Potência:
O estofo filosófico Tomista na obra de Jorge Ben Jor

Natália Parreiras

Professora orientadora: Prof.^a Dra. Flávia Vieira Santos

Rio de Janeiro
2018



Natália Parreiras

**A Alquimia da Potência:
O estofo filosófico Tomista na obra de Jorge Ben Jor**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista referente ao Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Literatura, Arte e Pensamento Contemporâneo, vinculado ao Departamento de Letras da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Flávia Vieira Santos
Orientadora
Departamento de Letras – PUC-Rio



Rio de Janeiro
23/04/2018

Para os meus pais, Luiz e Loni, antes de tudo, pelo exemplo de sua
humildade;

Para o Homem da gravata florida nascido em Madureira.

AGRADECIMENTOS

Simplesmente não haveria como concluir “esta saga” sem o apoio de cada um dos que agora cito em ordem alfabética: Ana Beatriz Palumbo, Ana Letícia Serrão, Betina Kopp, Carolina Parreiras, Daniel Gnattali, Diogo Parreiras, Eula Santos, Flávia Vieira, Ilana Goldfeld, Luiz Gonzaga Parreiras, Luis Guilherme B.F. de A., Maria Eloni Parreiras, Marcelo Alves, Marília Rothier, Mônica Parreiras, Maxwell Stanford, Nalini Narayan, Thereza Christina Rocque da Motta, Tulio Mosci e todos os que de alguma forma entendem a importância deste marco na minha trajetória pessoal e acadêmica.

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO, 7
2. PARÂMETROS TEMPORAIS, 11
3. DOS PRINCÍPIOS ALQUÍMICOS AO ESTOFO FILOSÓFICO TOMISTA NA OBRA DE JORGE BEN JOR, 15
4. MATRIZES DO CORPO DE TRABALHO, 19
 - 4.1 – RAZÃO E PRUDÊNCIA, 19
 - 4.2 – AS SUBSTÂNCIAS SEPARADAS, 22
5. OCORRÊNCIAS – PERMEAÇÃO DA OBRA DO ARTISTA PELOS CASOS, 25
 - 5.1 – “REACTIVUS AMOR EST – TURBA PHILOSOFORUM” – O DISCO, 31
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS, 35
7. BIBLIOGRAFIA, 37
8. REFERÊNCIAS MUSICAIS, 39

homo capax Dei est

APRESENTAÇÃO

Este trabalho destina-se a investigar o devir da produção artística do cantor e compositor brasileiro Jorge Ben Jor, através da influência filosófico-religiosa das temáticas medievais, mais precisamente da obra do frade dominicano, seguidor de Aristóteles - Tomás de Aquino - canonizado pelo Papa João XXII em 1323.

Expoente clássico da teologia natural, grande defensor da oposição perfeita (racional) entre a filosofia aristotélica e o cristianismo, Aquino, também conhecido como “o Aquinate”, foi o fundador da Escolástica e teve, entre as suas centenas de obras concebidas sob as bases dogmáticas da igreja, a escritura da *Suma Teológica* que trata da natureza de Deus e das questões morais segundo Jesus Cristo.

[...]“O Aquinate efetivamente marcou a filosofia com a sua obra sistemática, mas não era seu intuito inovar nem, portanto, instituir um sistema original, criar uma filosofia sua. Estava em busca do ser das coisas, e com isto, embora não o tenha querido, revolucionou a investigação filosófica: de fato, a finalidade da filosofia não é saber o que os homens pensaram (pois esse é o objetivo da história da filosofia), mas qual é a verdade das coisas. E, se alguém já tinha dito, antes dele, o que as coisas são na realidade, isso não era motivo para não o repetir; se ninguém o tinha dito ainda, não era motivo para ele não o dizer: sua obra era objetiva e alicerçada no real. A filosofia é, para o Aquinate, a ciência racional por excelência, estudo em si mesmo lícito e louvável, por causa da verdade que os filósofos buscam, a qual acabam por descobrir em Deus.” [...]

[...] É pertinente frisar que, na Escolástica, a teologia se iniciava com os estudos filosóficos, e que já no século XIII, o Ocidente europeu fora palco de uma verdadeira revolução neste campo. Vindas do Oriente, as filosofias árabes e judaicas se haviam juntado à tradição filosófica platônica e à lógica vetus aristotélica, a qual era conhecida no começo do século XII. (...) O estudo da filosofia Aristotélica assumia assim, lugar de destaque nas universidades medievais. [...]¹

Em outra de suas principais contribuições às ciências investigativas, *Sobre os Anjos* - do latim *De Substantiis Separatis* - considerada por muitos especialistas como o ápice da metafísica - o autor comenta a abordagem dada à problemática filosófica da existência de formas separadas da matéria, popularizadas pela tradição

¹ FAITANIN, 2006, p. III, IV e V

judaico-cristã sob o signo linguístico de “Anjos”. Seu legado tem tamanho reconhecimento que o próprio Aquino, segundo a escritora e pesquisadora Yvette Centeno, viria a ser representado por Goethe, em *Fausto* como o Doctor Angelicus, guia supremo do herói em sua trajetória de ascensão.

Jorge Duílio Lima Meneses, o Jorge Ben, nasceu no subúrbio carioca de Madureira na metade dos anos 1940 e desde cedo foi introduzido pelos pais - Augusto e Silvia - aos preceitos do catolicismo, tornando-se frequentador assíduo da Igreja, servindo-a como coroinha, e no auge de sua adolescência, chegando a ser seminarista.

Foi a partir desta proximidade que surgiu o interesse do então rapaz de dezessete anos pelas temáticas complexas suscitadas nos estudos bíblicos, bem como sua paixão pelo latim, língua na qual as missas da época eram rezadas em seu internato, ainda com os celebrantes voltados para o altar e de costas para os fiéis no templo.

Desde o “estouro” de sua carreira musical com o sucesso *Mas que nada*,² gravado no LP *Samba Esquema Novo* em 1963, até a introdução do Tomismo em suas criações, Jorge repercutiu em sua obra o pilar da fé sob o signo da pluralidade e do sincretismo religiosos. Depois de estrear com o *Samba de Preto Velho*, o seu segundo LP *Sacudin Ben Samba*, de 1964, retoma o tema religioso, trazendo faixas como *Jeitão de Preto Velho*³ – em nova alusão ao Candomblé e às práticas umbandistas. Já em seu quarto disco, *Big Ben* (1965), ressoa em *Maria Conga*⁴ também uma referência às nossas heranças indígenas, nos versos em que cita o “alua”, bebida feita na Amazônia a partir de grãos de milho moídos e muito utilizada em rituais das tribos.

Oras, então como um artista conhecido pela abordagem predominantemente irreverente, pela alusão aos aspectos tipicamente “mundanos”, poderia ter no “sacro” tamanho viés filosófico, e transpô-lo para a magnética rítmica de suas criações tidas como despojadas e tão populares?

[...] A música não apenas representa – também constrói. A música fabrica um sujeito que antes não existia. Uma das maneiras pelas quais a música faz isso é através da organização dos sons em gêneros musicais. [...]

² BEN JOR, 1963

³ BEN JOR, 1964

⁴ BEN JOR, 1965

A relação entre um dado gênero musical e a construção de identidades é um fenômeno intuitivamente plausível a todos os que refletiram sobre o assunto: a identificação profunda com um gênero musical se faz acompanhar, muitas vezes, de escolhas de vocabulário e gíria, movimentação corporal, vestimenta, hábitos de lazer, modos de socialização, padrões de consumo e até mesmo de concepções mais amplas sobre o que é permissível ou não (moral), sobre o sentido da vida ou sobre o funcionamento do mundo como um todo (cosmogenia). [...]

E quais seriam os discursos musicais específicos da MPB? Uma característica que a singulariza imediatamente, para o nativo, frente à história da música popular brasileira que a precedeu, é a pluralidade inédita de gêneros e estilos empregados por ela. [...]⁵

Jorge Ben Jor poderia ser o cara na fila do caixa de supermercado que decide escolher flores quando está prestes a passar o último item de suas compras na registradora. Poderia ser o cliente atento que verifica a validade de cada produto antes de colocá-los em seu carrinho. O amigo que sempre se atrasa para encontrar os demais, mas procura compensar sua demora com um sorriso largo e algum mimo escolhido às pressas antes de enfim sair de casa: Luvas de jardinagem estampadas e alegres, mesmo que aquele a quem presenteie sequer tenha um vaso de plantas ou gosto pelo ofício de lidar com a terra. Poderia ser o cara que pechinha sempre bem-humorado na feira e elogia as cores das frutas e verduras, que gosta de comer pão na chapa, um pingado no balcão da padaria e, quem sabe até, “arrematar” com um pão doce saído na hora, em meio à madrugada.

Jorge funde-se com cada brasileiro ora devoto, que em todo dia 23, reza e honra seu santo de adoração, ora folião que dá longas risadas enquanto dança rodeado de mulheres de todas as idades, celebrando músicas com letras de múltiplos sentidos. Jorge poderia ser qualquer um de nós e ainda assim, seria tão peculiar a ponto de sua obra se tornar universal.

Este trabalho não se destina a corroborar para a mitificação de um gênio, mas vem para sacudir a torre da idealização e trazê-lo, pés descalços, para bem perto de cada homem ou mulher comum, capaz de reinventar na própria simplicidade, um caminho para o extraordinário.

São Tomás de Aquino ocupa tamanha importância simbólica na vida de Jorge, que até os nomes de seus dois únicos filhos tem relação direta com o Aquinate: Tomaso, o primogênito, e Gabriel, sim, tal qual o anjo da anunciação.

⁵ NEDER; DINIZ; NAVES e GIUMBELLI (orgs.), 2008, p. 270, 271 e 273

Aqui falaremos dos extremos opostos majestosamente alinhados, cada qual em sua potencialidade pura: A fé e a razão que disputam nossas mentes e que encontram em São Tomás de Aquino a retórica de uma coexistência quase que estruturalista; A erudição do latim, mãe de tantas línguas e heranças e a enunciação da cultura popular que faz agora o caminho inverso à erudição, vasto solo da variedade linguística.

Sim, Jorge é enredo rebuscado, é samba, é letra e poesia.

Sim, Jorge está na Academia e sua voz vem da boca do povo.

2.

PARÂMETROS TEMPORAIS

[...] Portanto, a música é também *um discurso*, que, por sua vez, *medeia todos os outros* - inclusive o discurso verbal. Elementos musicais são codificados discursivamente e, com isso, a música, como prática significativa, fabrica pessoas a si, de acordo com as ideologias de uma sociedade ou de um grupo mais restrito. [...]⁶

Torna-se cada vez mais relevante observar e investigar o devir da produção cultural dita “de massa” e o repertório conceitual que a permeia: O saber que legitima uma manifestação popular não pode ser visto como um “a parte” do saber em si, que também compreende o saber acadêmico e a educação formal.

Se é por meio da linguagem que produzimos todo e qualquer registro científico, é através do identitário mais primordial que carregamos enquanto indivíduos ao longo das gerações, que construímos as conexões fundamentais para a produção de conhecimento.

A instância do ser social dialoga com sua dimensão cognitiva na medida em que se reconhece e se assemelha aos repertórios aos quais tem acesso.

Não se trata de pensar a força estética do objeto de arte popular, mas de reconhecer a potencialidade instauradora dos conceitos que veicula subliminarmente, dada a complexidade do que, após um estudo um pouco mais atento, passamos a entender como seu estado íntegro.

Esse reconhecimento à força da saber que advém da experimentação e não do conhecimento formal, aparece também nas escrituras São Tomás de Aquino no capítulo *A educação para a sabedoria*, de *Cultura e Educação na Idade Média*, de Jean Lauand:

[...] “Assim, já na primeira questão da Suma Teológica, ao procurar caracterizar o que é a sabedoria, Tomás explica que a sabedoria não deve ser entendida somente como conhecimento que advém de frio estudo, mas como um saber que se experimenta e saboreia. Tomás sempre muito atento aos fenômenos da linguagem, à

⁶ NEDER; DINIZ; NAVES e GIUMBELLI (orgs.), 2008, p. 272

fala do povo, como fonte de profundas descobertas filosóficas, encanta-se com o fato – para ele experiência pessoal vivida - de quem em sua língua latina *sapere* signifique tanto “saber” como “saborear”. Esta coincidência de significados na linguagem do povo – Tomás bem o “sabe” – não é casual: se há quem saiba porque estudou, verdadeiramente sábio, porém, é aquele que sabe porque saboreou...

Se a sabedoria não pressupõe só uma dimensão intelectual, mas está integrada ao todo da existência, não é de estranhar que, dentre os conselhos dados por Tomás sobre o modo de estudar, encontremos a exortação ao silêncio, à vida de oração, à amabilidade, à humildade, à pureza de consciência, à santidade...

Nesse sentido deve-se observar também que o alcance semântico da própria palavra *studium* em latim é muito mais abrangente do que a nossa, estudo. *Studium* significa amor, afeição, devotamento, a atitude de quem se aplica a algo porque ama e, não por acaso, esse vocábulo acabou especializando-se em dedicação aos estudos. Assim, o próprio título do opúsculo de Tomás “Sobre o modo de estudar” sugere algo assim como: “Sobre o modo de aplicar-se amorosamente” [...]

[...] Na visão compartimentada do conhecimento que temos hoje, esperamos que o nosso aluno demonstre teoremas, calcule empuxos, balanceie equações químicas, escreva redações sugestivas e conjugue corretamente os verbos; o que ele é enquanto homem, isto é lá com ele... Já para Tomás, como se vê no *De modo studendi*, alguém dedicado ao estudo deve, antes de mais nada, cuidar das atitudes da alma.”⁷

Na era da profusão de tantos fragmentos do sujeito, acelerada por gigabytes e planos virtuais, perde-se cada vez mais a capacidade de *significar* quaisquer manifestações da linguagem e seu conteúdo implícito, ou, como chamarei aqui, *imaterial*.

Não há como se pensar essa espécie de “DNA” cultural sem levar em conta o seu povo criador e, portanto, “usuário legítimo” de sua língua e variedades, conforme muito bem elucida Marcos Bagno em sua introdução à obra *O Preconceito Linguístico*: [...] Existe uma regra de ouro da linguística que diz: “Só existe língua se houver seres humanos que falem”. E o velho e bom Aristóteles nos ensina que o ser humano “é um animal político”. Usando essas duas afirmações, como os termos de um silogismo (mais um presente que ganhamos de Aristóteles), chegamos à conclusão de que “tratar da língua” é tratar de um tema *politico*”, já que é também tratar de seres humanos. [...]”⁸

Sim, enquanto nação somos a massa híbrida de liga generosa que reveste o drama de eterna esperança, posto que acreditamos na possibilidade contínua desde o berço da mãe “nem sempre tão gentil”. Mas - e há que se dizer - somos muito além desse gracejo tropical e contundente de curvas e crenças, da já emblemática

⁷ LAUAND, 1998, p. 301 e 302

⁸ BAGNO, 1999, p. 9

malemolência de quadris: Somos enredo “suingado”, mas o samba no pé é apenas mais uma das tantas metáforas de ser e sobreviver do brasileiro.

[...] Inicialmente, se a MPB deve ser compreendida como “categoria sociocultural”, esvazia-se a sua singularidade como música. Dizer que a música e seus sentidos se constroem em cada nó de uma rede de mediações seria perfeitamente aceitável, mas isso não roubaria à concretude dos sons seu momento irreduzível, ao chocar-se com o corpo. Este é o momento em que cessam as mediações e registra-se o impacto do significante sem significado (mas com sentido) na produção da soma. Nossos corpos, nossos órgãos entram em ressonância com a música e passam a interagir com ela, alterando-se. Seus ritmos afetam nossos ritmos. Texturas, timbres e rítmica convidam o gesto, na materialidade do corpo, a criar uma forma singular de preenchimento do espaço – uma forma plena de sentido para o sujeito, parte de sua subjetividade. [...] ⁹

E é como brasileiro, latino-americano de ascendência africana, nascido no subúrbio carioca que Jorge Ben Jor abranda a mitificação do *homem-farelo* e dá um basta às migalhas porque as incorpora como pedaços legítimos, íntegros, insubstituíveis, de si e do mundo que o habita, reverberando musicalidade de contraste. Ou, nas palavras do professor Paulo Da Costa e Silva, autor de uma das poucas obras acadêmicas que adentra o universo do artista, *O livro do disco – A Tábua de Esmeralda de Jorge Ben Jor*, “um Aedo Greco-brasileiro, afro-mediterrâneo, um bardo carioca, de poética urbana e suburbana (...)”. ¹⁰

Se enquanto artista a consciência primordial de Jorge Ben Jor prescinde a suposta objetividade de suas marcas de autoria, seus passos como compositor remontam a sinuosidade de um percurso criativo e surpreendente que, uma vez tocado de trato universal, fora aclamado popular. O que não se vê, no entanto, são suas profundas raízes em conteúdos dos mais complexos e um tanto desconhecidos de seu público em geral, pontos muito bem observados por Silva:

“A aparente falta de método do seu processo artístico – com letras que são como verdadeiros “monstros”, sustentadas por melodias muitas vezes acidentadas ou assimétricas, repletas de ruídos e de sujeiras, com palavras sobrepondo-se sem auxílio de procedimentos poéticos tradicionais, como a rima e o metro, muitas vezes roçando a indefinição da fala – e seu descaso por qualquer princípio de coerência desaguam sobre uma riqueza extraordinária de imagens, provérbios, jogos verbais e, principalmente, personagens”. ¹¹

⁹ NEDER; DINIZ; NAVES e GIUMBELLI (orgs.), 2008, p. 270

¹⁰ SILVA, 2014, p. 18

¹¹ SILVA, 2014, p. 18

Em seu artigo *A invenção da impostura: MPB, a trama, o texto*, Álvaro Nader também suscita o impacto e a inventividade do artista, - desde a sua obra de estreia - no cenário cultural brasileiro:

“Canções produzem representações que podem ser objeto de identificações – logo posicionamentos – por parte dos receptores independentemente de seu pertencimento a uma classe social específica. Isso explica porque a MPB poderia ser significativa tanto para um estudante de classe média universitária do Rio de Janeiro (...) quanto para aquele que viria a ser, como sugiro, o primeiro compositor de MPB – Jorge Ben. Se os gêneros são parte do imaginário social, como entender o maracatu utilizado por Jorge, para seu LP de estreia?
(...) *Samba Esquema Novo* representou um fato novo na época. (...) Não creio que possa ser colocada alguma objeção à afirmação de que este álbum representou um marco na história da MPB”.¹²

Mas como não erradicar de sua própria essência os contornos que conferem a ele o status “pop”, sem que a obsessão tediosa – e tantas vezes injusta – dos puristas diminua sua obra a um mero retrato de um país tropical? A forma define o poder de propagação do fazer artístico? Pode o erudito ser um uso do popular e vice e versa?

Mais uma vez, Paulo Costa e Silva presenteia-nos com a lucidez de sua percepção acerca da localidade temporal da obra Benjoriana:

“A revolução cultural do fim dos anos 1960 seria, portanto, uma revolução que “estava esperando para acontecer”. Mudanças culturais sempre se apoiam sobre diferenças geracionais:
(...) Era todo um sistema de hierarquias consagradas que implodia. Acabava a desconfiança e a desvalorização das emoções. Estar em contato com os sentimentos passava a ser um sinal de força e não mais de fraqueza. Nas artes e nas ciências naturais, a guinada para a abstração e para o formalismo racionalista perdiam interesse e charme. Os sistemas de Schoenberg e Webern não eram mais vistos como caminho exclusivo para o futuro da música.
(...) Era como se a visão de um mundo dividido em classes, com seu rígido sistema hierárquico, tão constitutivo do Edifício Moderno, tivesse se espalhado pelos domínios da música e das artes: e agora todas essas divisões eram colocadas em xeque. Da mesma forma que a música popular, antes tida como menor, reivindicava agora um lugar entre “as coisas respeitáveis”.¹³

Agora que já localizamos a obra de Jorge Ben Jor sob o espectro de seu contexto histórico, faz-se necessário uma breve apresentação sobre o que circunda a obra de São Tomás de Aquino, e começaremos pelo paradigma da Alquimia.

¹² NEDER; DINIZ; NAVES e GIUMBELLI (orgs.), 2008, p. 277

¹³ SILVA, 2014, p. 43 e 44

3.

DOS PRINCÍPIOS ALQUÍMICOS AO ESTOFO FILOSÓFICO TOMISTA NA OBRA DE JORGE BEN JOR

“O conceito de potência, tem na filosofia ocidental, uma longa história e, pelo menos a partir de Aristóteles, ocupa nela um lugar central. Aristóteles opõe – e ao mesmo tempo liga – a potência (*dynamis*) ao ato (*energeia*), e essa oposição, que atravessa tanto a sua metafísica como sua física, foi transmitida por ele como herança, primeiro à filosofia e depois a ciência medieval e moderna.”¹⁴

Muito se especula sobre a presença dos elementos místicos da Alquimia na obra de Jorge Ben Jor: Flamel e Paracelso são enunciados em canções como *O namorado da viúva*¹⁵ e *O homem da gravata florida*¹⁶, respectivamente, ou notadamente no clássico *Os Alquimistas estão chegando*¹⁷, sucessos do emblemático LP *Tábua de Esmeralda*, gravado em 1974.

Ainda em “O livro do disco – *A Tábua de Esmeralda de Jorge Ben Jor*”, Silva destaca:

“Hermes Trismegisto escreveu/ com uma ponta de diamante/ em uma lâmina de esmeralda”¹⁸, entoia Jorge Ben na penúltima faixa de *A tábua de esmeralda*. A seguir ouvimos quase na íntegra, o conjunto de proposições do milenar documento inaugurado da alquimia, na tradução feita pelo misterioso Fulcanelli (à exceção da primeira: *é verdade/ sem mentira/ certo e muito verdadeiro*). Princípios básicos do conhecimento hermético como o da correspondência (*o que está no alto/ é como o que está embaixo*), e de que todas as coisas derivam de uma única raiz, o éter (*todas as coisas são nascidas/ desta única por adaptação*), tornam-se irresistíveis frases melódicas no maior estilo soul dos anos 1970. Dois anos depois, Jorge musicou novamente o texto na canção *Hermes Trismegisto escreveu*¹⁹, gravado no disco *África Brasil* (1976). Alterou a melodia, a levada, e introduziu, além da primeira proposição do tratado hermético, um prólogo que servia como introdução histórica:

¹⁴ AGAMBEN, 2015, p. 243

¹⁵ BEN JOR, 1974

¹⁶ Ibid

¹⁷ Ibid

¹⁸ Ibid

¹⁹ BEN JOR, 1976

“Há 2000 anos antes de Cristo, o Faraó Hermes Trismegisto escreveu o maravilhoso tratado hermético com uma ponta de esmeralda, que foi encontrado séculos depois pelos soldados de Alexandre, o Grande, na famosa pirâmide de Kinzer. Salve, Hermes Trismegisto que tem as três partes da filosofia universal.”

(...) Na Tábua estava gravado, em caracteres fenícios, o texto que deu origem à alquimia islâmica e ocidental – ciência oculta dos alquimistas -, baseada em preceitos como a transmutação dos metais inferiores ao ouro e a obtenção do elixir da longa vida. (...)

(...) Das ilustrações de Nicolas Flamel na capa, aos conteúdos de várias de suas canções, um pouco dessa história e lendas perpassa o álbum *A Tábua de Esmeralda*. A aura mitológica dos alquimistas e de suas fantásticas vidas fez desde cedo a cabeça do jovem Jorge Ben. Em 1974, essas misteriosas figuras e, toda a filosofia que as acompanha, finalmente entraram para o repertório de seus inesquecíveis personagens musicais.”²⁰

Entretanto, as conexões entre as criações Benjorianas e o universo metafísico começam muito antes dos séculos XIV e XV: Surgem das escrituras do século XIII, tais como a elaboração da *Aurora Consurgens* de Aquino, escrita pelo religioso a partir da problematização dos princípios Aristotélicos.

Em seus estudos, Yvette Centeno traz algumas reflexões de extrema relevância acerca da relação estreita entre a obra de São Tomás de Aquino e a Alquimia:

[...] “Poucos saberão que o Doctor Angelicus, do *Fausto* de Goethe, supremo guia na ascensão do herói às mais altas esferas celestiais é uma referência a S. Tomás de Aquino que, na *Summa Theologica*, se afirmou como supremo sistematizador do pensamento teológico e filosófico do seu tempo, o século XIII.

Discípulo de Santo Alberto Magno, em Colônia e em Paris, não seguiu por completo, segundo os exegetas, a tendência do pensamento neoplatônico do Mestre, procurando na racionalidade de Aristóteles uma primeira compreensão do homem, do universo e de Deus.

Outros saberão ainda menos que posteriormente lhe serão atribuídos tratados alquímicos: a *Aurora Consurgens*, de que se ocupou um erudito como Bernard Gorceix, traduzindo a obra para francês (*L'aurore à son lever*) e Marie-Louise Von Franz, discípula de Jung e colaborando com ele (no terceiro volume de *Mysterium Coniunctionis*).

Há ainda outro pequeno conjunto de tratados, *Da Pedra Filosofal* e *Sobre a Arte da Alquimia*, que na tradução para castelhano inclui um prefácio de Gustav Meyrink, teósofo austríaco do século XX (com obra de ficção em que expõe as doutrinas ocultas das várias vias místicas, ocidentais e orientais, que conheceu e praticou).

(...) Uma das palavras-chave da doutrina Tominiana - que o será em toda a doutrina dos Dominicanos, como dos Franciscanos - é a palavra caridade (bebida em Santo Agostinho). O propósito, na elaboração da doutrina de Alberto Magno é conseguir uma relação sólida entre a experiência filosófica e teológica de raiz aristotélica e a visão mística de raiz platônica.

²⁰ SILVA, 2014, p. 15, 16 e 17

A teologia, para Alberto Magno como para Tomás de Aquino tem de estar em relação direta com a mística, preparando a contemplação da divindade, na manifestação da sua glória.

Contudo, mesmo ao místico a essência do divino não será revelada, pois, citando as palavras de Deus a Moisés: "O meu rosto não poderá ser visto". Ao místico é concedida a imagem no espelho, o reflexo, o efeito da manifestação de Deus, mas não Deus – ele - mesmo.

Tomás de Aquino, confiante, com Aristóteles, na capacidade ilimitada do entendimento humano, dirá que o homem "é capaz de Deus": *capax Dei*.²¹

Sandro Luiz Bazzanela e Selvino José Assmann, também nos trazem em *A vida como potência a partir de Nietzsche e Agamben*: [...] “Na perspectiva de Aristóteles, o ato é a forma atualizada, realizada (materializada) presente no ser. É a manifestação do ente em suas determinações essenciais. Ou seja, o ato é a materialização das potencialidades, das forças que existiam apenas como possibilidade e disponibilidade (potência). [...]”²²

Partindo desta distinção, chegamos às máximas tidas como ponto primordial de toda a base filosófica Tomista: O *ato*, forma variável de tudo o que tem *potência* posto que existe; e a *potência*, referencial do intangível que paradoxalmente guia a busca espiritual de todos os seres aventureiros de existência.

[...] “Para cada homem, chega o momento em que deve pronunciar esse “eu posso”, que não se refere a qualquer certeza nem a qualquer capacidade específica, e que no entanto o compromete e põe em jogo inteiramente. Esse “eu posso” além de toda a faculdade e de todo saber fazer, essa afirmação que não significa nada coloca imediatamente o sujeito em face da experiência talvez mais exigente – e, no entanto, ineludível – com que ele alguma vez se confrontou: a experiência da potência.[...]”²³

Neste mesmo sentido, aferimos então que, uma vez acessada, “a experiência da potência”, passa a existir composta por duas constantes indissociáveis à questão do SER: ter faculdades é ter privações.

[...] O termo “faculdade” exprime, assim, o modo como uma certa atividade é separada de si mesma e atribuída a um sujeito, o modo como um vivente “tem” sua práxis vital. Algo como uma “faculdade” de sentir se distingue do sentir em ato, de modo que este possa ser referido propriamente a um sujeito. Nesse sentido, a doutrina aristotélica da potência contém uma arqueologia da subjetividade, é o modo como o problema do sujeito se anuncia a um pensamento que ainda não tem essa noção. *Hexis* (de *echo* – “ter”), hábito, faculdade, é o nome que Aristóteles dá a essa in-existência da sensação (e das outras “faculdades”) em um vivente. O que é assim “tido” não é uma simples ausência, mas algo que assume a forma de uma privação

²¹ CENTENO, 2010

²² BAZZANELLA E ASSMANN, 2013, p; 79

²³ AGAMBEN, 2015, p. 244

(no vocabulário de Aristóteles, *steresis*, “privação”, está em relação estratégica com *hexis*), isto é, de algo que atesta a presença do que falta ao ato. Ter uma potência, ter uma faculdade significa: ter uma privação. Por isso, a sensação não se sente a si mesma, como combustível não queima por si. A potência é, portanto, a *hexis* de uma *steresis*: “Às vezes, o potente é tal porque tem algo, outras vezes porque lhe falta. Se a privação é de algum modo uma *hexis*, o potente é tal ou porque tem uma certa *hexis* ou porque, dela, tem a *steresis*” (Metaph. 1019 b 5-8) [...] ²⁴

A partir das noções estabelecidas de *hexis* e *steresis* dentro do pensamento aristotélico sobre a potência, passamos então para a constituição lógica que sustenta tais preceitos no Tomismo: É necessário aparato filosófico pertinente para adentrar na compreensão do que seriam as bases ideológicas do SER e do PODER segundo Aquino, para então identificá-las com clareza na obra de Jorge Ben Jor:

Trabalharemos aqui com duas matrizes fundamentais do estudo do Aquinate: *Razão e Prudência*, que influenciam diretamente a manifestação da *Forma do Ser* (ato) e *As Substâncias Separadas*, que, já no plano da metafísica, constituem outro pilar genuíno da cadeia de estudos Tomista, e representam a imaterialidade manifesta da potência pura (potência).

²⁴ AGAMBEN, 2015, p. 245

4.

MATRIZES DO CORPO DE TRABALHO

“Ser a forma de algo é ser seu ato. Logo, nenhuma parte daquilo que é a forma de algo, pode ser matéria, que é potência pura.”²⁵

4.1.

RAZÃO E PRUDÊNCIA

“[...] Embora fosse acima de tudo teólogo, o Aquinate foi verdadeiramente filósofo, sabedor que era do quanto a razão poderia contrariar a fé, se falhasse no reto uso dos seus recursos naturais e seus princípios. Mais ainda: conquanto a autonomia da filosofia não o tenha conduzido a apoiar-se, sem mais, na autoridade dos filósofos – donde ele dizer que o argumento de autoridade fundado na razão humana é, de todos, o mais fraco -, jamais Santo Tomás de Aquino descuidou de considerar os mestres e as suas principais doutrinas, e sempre tratou filosoficamente as questões teológicas, por serem passíveis de passar pelo escrutínio da razão. [...]”²⁶

É bastante inquietante pensar que *Razão e Prudência* se tornaria a base ideográfica para que Jorge Ben Jor encontrasse na enunciação da palavra, o poder e a liberdade que seriam fundamentais para sua criação artística tão notadamente irreverente e até mesmo descontraída. Talvez o humor seja o *Genius* do poeta:

[..] “Os latinos chamavam *Genius* ao deus que todo homem é confiado sob tutela na hora do nascimento.

[...] Há uma expressão latina que exprime maravilhosamente a relação secreta que cada um deve saber cultivar com seu próprio *Genius*: *indulgere Genio*. É preciso ser condescendente com *Genius* e abandonar-se a ele; a *Genius* devemos conceder tudo o que nos pede, pois sua exigência é nossa exigência; sua felicidade, nossa felicidade. Mesmo que suas – nossas! – pretensões possam parecer inaceitáveis e caprichosas, convém aceita-las sem discussão.

²⁵ AQUINO, 2006, p. 36

²⁶ FAINTANIN, 2006, p. IV

[...] *Genium suum defraudare* – fraudar o próprio gênio – significa, em latim, tornar triste a própria vida, ludibriar a si mesmo. E *genialis* – genial - é a vida que distancia da morte o olhar e responde sem hesitação ao impulso do gênio que o gerou. [...] ²⁷

No entanto, essa mesma aparente “contradição” estava de um todo presente na irradiação do pensamento do religioso italiano: A oposição entre razão e fé. Não há conflito em pensar a prudência sem pensar em prudência, assim como mesmo colocando a irreverência e o humor próprios de sua linguagem, Jorge Ben Jor não deixa de perpetuar as máximas Tomistas em suas letras e canções.

De Prudentia é um dos tratados da *Suma Teológica* de autoria de São Tomás de Aquino e constitui parte significativa de toda a estruturação de seus estudos.

Na apresentação de sua tradução da obra - em português *A Prudência – A virtude da decisão certa* - Jean Lauand objetifica de maneira brilhante essa problemática:

“Este tratado apresenta grande interesse do ponto de vista da história das ideias: seu autor é “o último mestre de um cristianismo ainda não dividido” (Pieper), e o tema é nada menos do que a principal entre as quatro virtudes cardeais (prudência, justiça, fortaleza e temperança), que tanta importância tiveram no Ocidente medieval. É difícil subestimar a importância da virtude da prudência no pensamento de Tomás: não é que ela seja a primeira *inter pares*, mas é principal em uma ordem superior, é a mãe das virtudes, *genitrix virtutum*, e a guia das virtudes, *auriga virtutum*. Por mais destacada, porém, que seja a importância do *Tratado da prudência* de Tomás, seu interesse transcende o âmbito da história das ideias e instala-se – superadas as naturais barreiras de linguagem dos 750 anos que nos separam do Aquinate – no diálogo direto com o homem do nosso tempo, como rica contribuição para alguns de seus mais urgentes problemas existenciais”. ²⁸

Em outro trecho, o autor ainda discorre:

(...) “A doutrina sobre a prudência, tem – como veremos – o condão de expressar, de modo privilegiado, as diretrizes fundamentais de todo o filosofar de Tomás. Para bem avaliar o significado e o alcance do tratado da prudência é necessário, antes de mais nada, atentar para o fato de que *prudentia* é uma daquelas tantas palavras fundamentais que sofreram desastrosas transformações semânticas com o passar do tempo.

A proximidade entre a nossa língua e o latim de Tomás não nos deve enganar: ocorre, como dizíamos, um conhecido fenômeno de alteração do sentido das palavras que se manifesta muitas vezes quando lemos um autor de outra época. E não só alteração: como mostra C.S. Lewis (*Studies in Words*, Cambridge at the Univ. Press, 1960), dá-se frequentemente, sobretudo no campo da ética, uma autêntica inversão de polaridade: aquela palavra que originalmente designava uma qualidade positiva esvazia-se de seu sentido inicial ou passa até a designar uma qualidade negativa.

²⁷ AGAMBEN, 2005, p. 15 e 16

²⁸ LAUAND, 2005, p. V e VI

Foi o que aconteceu, entre outras, com as palavras “prudente” e “prudência”. Atingida ao longo dos séculos pelo subjetivismo metafórico e pelo gosto do eufemismo, “prudência” já não designa a grande virtude, mas sim a conhecida cautela (um tanto oportunista, ambígua e egoísta) ao tomar (ou não tomar) decisões. (...) Se hoje a palavra prudência tornou-se aquela egoísta cautela da indecisão (em cima do muro), em Tomás, ao contrário, *prudentia* expressa exatamente o oposto: é a arte de decidir corretamente, isto é, com base não em interesses oportunistas, não em sentimentos piegas, não em impulsos, não em temores, não em preceitos etc., mas, unicamente, com base na realidade, em virtude do límpido conhecimento do ser. É esse conhecimento do ser que é significado pela palavra *ratio* na definição de *prudentia: recta ratio agibilium*, “reta razão aplicada ao agir”, como repete, uma e outra vez, Tomás.

Prudentia é ver a realidade, com base nela, tomar a decisão certa. Por isso, como repete Tomás, não há nenhuma virtude moral sem *prudentia*, e mais: “sem a *prudentia*, as demais virtudes, quanto maiores fossem, maior dano causariam”. (...) ²⁹

O Tratado da prudência é o reconhecimento de que a direção da vida é competência da pessoa, e o caráter dramático da *prudentia* se manifesta claramente quando Tomás mostra que não há “receitas” de bem agir, não há critérios comportamentais operacionalizáveis, porque – e esta é outra constante no Tratado – a *prudentia* versa sobre ações contingentes, situadas no “aqui e agora”. ³⁰

Yvette Centeno ainda em seu texto dedicado ao Doutor Angelicus, expõe com clareza, o tripé fundamental que nutre o entendimento da vida, segundo os preceitos Tomistas:

“(...) Tomás de Aquino procura “a luz da sabedoria divina”. Segundo os estudiosos da sua obra há em seu vocabulário três palavras essenciais: beatitude, contemplação, amor.

Podemos entender este amor como sinónimo da caridade em Santo Agostinho, pois o verdadeiro amor é sem dúvida uma forma de caridade, ou de piedade absoluta em relação ao outro, sob a forma de total entrega e aceitação.

É discutindo o sentido da Fé que Tomás de Aquino pretende universalizar a ideia do conhecimento possível de Deus por parte do homem: o homem é.

Esta capacidade funda-se no desejo profundo, no apelo, na aceitação do que a Vontade Suprema lhe imponha (mesmo que seja a noite escura de São João da Cruz... ou do grande lamento de Jó no Antigo Testamento).

À impossibilidade reconhecida pelos seus pares de que o homem, na sua vida, na sua materialidade carnal, pudesse aspirar ao conhecimento e revelação da essência divina, contrapõe Tomás de Aquino esta ideia de que tal seria possível: pela Fé.

Contraria deste modo uma verdade do tempo que santos, místicos, agnósticos, não punham em dúvida. Declara que pela fé a todos os homens é dado chegar ao pleno conhecimento de Deus, pois tal é o seu destino último, a beatitude eterna, ainda que não participe dela nesta vida. A via da contemplação prepara-se neste mundo e terminará depois no outro, “nas vivas chamas do amor”. ³¹

²⁹ LAUAND, 2005, p. VII, VIII, IX e X

³⁰ LAUAND, 2005, p. 12

³¹ CENTENO, 2010

4.2.

AS SUBSTÂNCIAS SEPARADAS

“[...] Para o leitor contemporâneo de filosofia, o problema da existência de naturezas espirituais separadas da matéria, que a tradição judaico-cristã popularizou com o nome de “anjos”, palavra oriunda do grego (que significa “mensageiro”) pode sugerir algo como um diáfano despropósito. No entanto, tal questão é consequente e solidária com a perspectiva das chamadas “metafísicas do ser”, cujas altas especulações abarcam a totalidade das coisas *no que concerne ao ser*, e não se limitam a vislumbrar algumas modalidades do ente – aqui concebido como tudo o que não seja plenitude absoluta do ser, mas participe do ser de forma limitada, específica, fragmentada. [...]”

[...] Para Santo Tomás, tudo o que penetra no intelecto é abstraído da matéria em suas dimensões quantitativas. Por isso, tem lugar natural nas especulações metafísicas o estudo das substâncias separadas. Com efeito, estudar a substância é fundamental para a metafísica, pois aquilo de que o intelecto abstrai as suas espécies é a substância, ou seja, o ente concreto que subsiste em si mesmo e é sujeito dos acidentes. Assim, considerar a essência da substância é o que constitui o amago do conhecimento metafísico.”[...]”³²

Não é possível adentrar o universo de São Tomas de Aquino sem deparar-se com a questão inerente ao SER: A metafísica. Para muito além do conceito de “mensageiros divinos”, os Anjos possuem uma influência definitiva na obra de Ben Jor, justamente pela enorme relevância que possuem nos estudos Tomistas.

Antes de mais nada é preciso entender que a referência visual popularizada das chamadas “Substâncias Separadas”, ocorre por uma necessidade fundamental do funcionamento e conexões operadas pelo cérebro humano na tentativa de conceber uma representação das hipóteses que formula e/ou experiencia de forma abstrata:

“Aristóteles afirma que a alma não conhece nada sem imagens. De facto, é impossível à nossa inteligência, no estado presente da vida, em que ela esta unida à um corpo sensível, conhecer alguma coisa sem recorrer a imagens. Duas constatações o provam. Em primeiro lugar, como ela é uma faculdade que não utiliza órgão corporal, a inteligência não seria de modo nenhum entravada no seu acto, pela lesão de um órgão corporal, se não tivesse necessidade, para exercer seu acto, do acto duma faculdade cujo exercício está ligado a um órgão corporal. A sensação, a imaginação, e as outras funções da parte sensível da alma, dependem dum órgão corporal. É evidente que para realizar seu acto, não só na aquisição do saber, mas também na utilização de um saber já adquirido, a inteligência tem necessidade da imaginação e das outras faculdades sensíveis. Aliás, sabe-se que quando, na sequência de uma lesão, o poder de formar imagens ou recordações se vê entravado,

³² FAITANIN, 2006, p. I e VI

como no louco ou no amnésico, o indivíduo é incapaz de exercer a sua inteligência sobre aquilo que já aprendeu. Em seguida, e qualquer pessoa pode ter experiência disso, quando se procura conhecer qualquer coisa, dão-se imagens que a título de exemplos permitem, por assim dizer, ver aquilo que se quer compreender. E quando queremos explicar alguma coisa a outrem, propomos-lhe também exemplos para ilustrar a nossa explicação. (...)

(...) Isto deve-se a que existe harmonização entre o poder de conhecer e o objeto a conhecer. Assim a inteligência dos anjos, que é absolutamente incorporeal, tem por objeto próprio a substância inteligível que não tem corpo, e é através dos inteligíveis corporais que ela conhece as realidades materiais. A inteligência humana, unida a um corpo, tem por objeto a quidade ou a natureza que existe numa matéria corporal. E é mesmo partindo da natureza das realidades visíveis que ela chega a um certo conhecimento das realidades invisíveis.”³³

Como nos estudos Tomistas a escuridão está em oposição à luz, não como negatividade, mas como signo estruturalista que só existe em relação ao outro, como uma polaridade necessária ao equilíbrio das forças, partimos então do texto “sacro” do religioso italiano, para o texto “profano” de seu compatriota: Em *Profanações*, Giorgio Agamben trata também dos conceitos sobre “o ser”, “o desejo” e “a imagem”:

[...] “A imagem é um ser cuja essência consiste em ser uma espécie, uma visibilidade, uma aparência. Especial é o ser cuja essência coincide com o ser dar-se a ver, com sua espécie. O ser especial é absolutamente insubstancial. Ele não tem lugar próprio, mas acontece a um sujeito, e está nele como um *habitus* ou modo de ser, assim como a imagem está no espelho.[...]

[...] “Não podemos trazer à linguagem nossos desejos porque os imaginamos. O corpo dos desejos é uma imagem. E o que é inconfessável no desejo é a imagem que dele fazemos”. [...]³⁴

Se tudo o que experienciamos é de certa forma uma manifestação do nosso desejo muitas vezes inconfesso, podemos entender também a abordagem do signo das “Substâncias Separadas”, como um desejo de aproximação com a instância divina para que possamos lidar com nossos próprios “demônios”, em uma nítida relação de oposição, redentora.

Neste mesmo sentido, Faintanin, esclarece:

[...] “Na perspectiva do Aquinate, as substâncias separadas são constituídas à imagem de Deus e são expressões de semelhanças divinas, por participação e representação, segundo muitos modos. A medida de duração da natureza destas substâncias está entre o tempo e a eternidade, e foi denominado *evo*, que significa eternidade participada. Contudo, as substâncias separadas têm o poder de operar no tempo, que é sucessivo e composto de antes e depois, diferentemente da duração que

³³ RASSAM, 1988, p. 76 e 77

³⁴ AGAMBEN, 2005, p; 49 e 52

mede a sua natureza, o evo, que é uno e não tem antes e depois. Portanto, é preciso que a medida de duração das suas operações seja segundo o antes e o depois, dado que elas são medidas pelo nosso tempo, apesar de que um instante da sua operação possa corresponder a muito tempo nosso.”³⁵

Dada toda a complexidade da questão das *Substâncias Separadas*, neste trabalho nos deteremos às noções mais básicas, a título de ilustrar o quão profícuo pode se tornar adentrar no universo da metafísica e apontar suas ocorrências no âmbito da linguagem.

“[...] Em sua obra sobre os Anjos, Aquino dirige-se, enfim, ao homem – cujo ser está no limite entre o tempo e a eternidade. Afinal, de acordo com a filosofia tomista, dentre todas as criaturas, somente o homem compartilha com os anjos o dom da espiritualidade. E somente ele retira da meditação sobre os anjos o sentido transcendente do seu próprio ser.”³⁶

A questão dos anjos é deveras constitutiva do estofo filosófico existente na criação de Jorge Ben Jor como um todo: Uma de suas canções de maior destaque neste sentido, é *Ave Anjos Angeli*,³⁷ gravada no disco *Homo Sapiens* (1995), o 25º de sua carreira. E será a partir de seus versos que abriremos o próximo capítulo com os apontamentos citando estas e outras ocorrências do pensamento Tomista em sua obra, não deixando de fora a marca filosófica-conceitual própria do artista.

³⁵ FAITANIN, 2006, p; XVIII

³⁶ SALLES, 2006

³⁷ BEN JOR, 1995

OCORRÊNCIAS – PERMEAÇÃO DA OBRA DO ARTISTA PELOS CASOS

“Verdade/ Amor/ Sabedoria/ Felicidade/ Síntese/ Clareza/ Confiança/ Abundância/ Ação correta/ Justiça/ Renascimento/ Beleza/ Harmonia/ Força/ Vitória/ Glória/ Paz/ Comunicação/ Alegria/ Anjo, anjo, anjo, anjo, anjo/ Minha fé me faz a cabeça/ Ela me faz com certeza/ Senhora das águas/ Senhora dos ventos/ Senhora das flores/ Senhora dos amores/ Dá licença deu tocar nesse lugar/ Dá licença deu cantar nesse lugar/ Quero tocar pros anjos/ Quero cantar pros anjos/ Seraphim, Cherubim/ Cherubim, Seraphim/ Throni/ Dominatione/ Virtutes/ Potestates/ Principatus/ Archangeli/Angeli/Seraphim, Cherubim,/ Cherubim/ Seraphim”³⁸

Aproximar o homem do divino parece mesmo ser a maior experimentação metafísica de Jorge Ben Jor enquanto tece seus labirintos melódicos, rítmicos e vocabulares. Quando observamos a letra da canção acima, percebemos que existe um culto ritualístico que funde uma das instâncias mais primordiais da linguagem - quando o autor faz uso recorrente do latim - e, através de cada palavra escolhida com precisão “cirúrgica”, constrói a evocação das forças transformadoras da natureza, dos astros e das energias especulares para criar uma atmosfera de aproximação: A fé, o amor e o divino se entrelaçam de modo a traçar paralelos e rotas coincidentes para a evolução do homem e para guiar a descoberta da instância maior do propósito da vida humana: Amar o Amor mais próximo do intangível, o amor da potência. Sim, esse seria o propósito genuíno da criação para o qual todos os seres humanos seriam destinados.

Ao longo da apresentação de alguns exemplos, veremos que Jorge Ben Jor desloca o amor, a alegria e a temperança dos altos espectros da divindade apreendida em Aquino, para a elaboração de verdadeiros mantras em prol da harmonia, da celebração da vida e do amor vívido, real e humano, até mesmo falho e carnal, em uma relação de oposição entre o *sacro* e o *profano*.

São dezenas de menções aos anjos nas músicas do compositor, desde a escolha dos títulos, como ocorre em *Anjo Azul*³⁹ e *Gabriel, Rafael e Miguel*⁴⁰, por

³⁸ BEN JOR, 1995

³⁹ BEN JOR, 1964

⁴⁰ BEN JOR, 2004

exemplo, até a citação das “substâncias separadas” em meio a versos de criações que sequer pareciam ter a ver com essa temática: ...*Descobri que além de ser um anjo/ Tenho cinco inimigos...* em *É proibido pisar na grama*,⁴¹ gravada em *Negro é lindo* (1971). Sim, Jorge exerce sem medo o próprio fluxo de inspiração mesmo entre metodologias um tanto herméticas, como já foi exposto anteriormente.

Do álbum *Alô, alô, como vai?*, o seu 18º LP lançado em 1980, destacamos a faixa de número cinco *Ma Ma Ma Ma Maê (A Língua dos Anjos)*,⁴² que exprime essa desconstrução lógica do que seria palpável, para conceber uma supra realidade que contente o poeta e o leve além do que acredita-se ser o possível para um homem, numa clara fusão com o divino da criação: *Ma ma ma Ma maê/ Dizem que lá em cima no céu tem um disco voador/ Dizem que nesse disco voador tem um anjo namorador/ Que de vez em quando, recebendo ordens/ Desce aqui na Terra para as mulheres fecundar/ Eu quero ver anjo nascer, eu quero ver anjo voar/ Ma ma ma/ Ma maê/ Eu quero ver nascer/ Um anjo amigo/ Que converse e cante comigo/ E me ensine a voar/ Eu quero ver nascer/ Um anjo namorada/ Que seja minha musa/ E dona do meu coração/ E sem precisar falar nada/ Ela saiba como eu vou e como estou/ E nos seus braços me levar me passear/ Até a mais bonita das estrelas/ Até a mais longínqua das estrelas.*

Se uma das frases mais conhecidas e atribuída popularmente a São Tomás de Aquino é “A humildade é o primeiro degrau para a sabedoria” para Jorge Ben Jor é o primeiro drible da jogada brilhante de *Fio Maravilha* (1972) *que só não entrou com bola e tudo porque teve humildade em gol*.⁴³

Em *Negro é Lindo*,⁴⁴ canção homônima ao LP lançado em 1971, demarca-se claramente a evocação à própria potência e ao “Ato Puro” – Deus – que surge ladeado nos versos de um ser consciente de sua existência ou ato em forma de criatura, exercendo sua inteligência sensível, consciente de sua limitação e prezando por máximas cristãs como a compaixão: *“Eu só quero que Deus me ajude/ A ver meu filho/ Nascer e crescer/ E ser um campeão/ Sem prejudicar/ Ninguém*.⁴⁵

⁴¹ BEN JOR, 1971

⁴² BEN JOR, 1980

⁴³ BEN JOR, 1972

⁴⁴ BEN JOR, 1971

⁴⁵ BEN JOR, 1971

A mesma súplica aparece em *Domenica*⁴⁶, quando o Poeta novamente evoca a potência para agir na transformação de seu ato, enquanto criatura que tanto deseja, mas não possui a musa e amada: “*Pois, eu tenho fé que quando Deus ouvir/ Meu hino de amor/ Eu vou fazer da Domenica/ Meu anjo da guarda e minha mulher*”.

“(…) Ora quando a alquimia, pela mão dos árabes, passou do oriente ao ocidente, depressa absorveu estes elementos fecundos da tradição cristã. E todos os eruditos concordam em que tal se verifica já neste primeiro testemunho, tão belo e inspirado, do tratado da Aurora, no século XIII da nossa era.

O sopro da sua prosa poética é de grande elevação e hermetismo.

Ainda que nem tudo seja de fácil acesso ao leitor menos entendido, muitas das imagens e descrições mais fortes viverão conosco, no nosso imaginário, alimentando o nosso inconsciente, tal como aconteceu ao anónimo autor que dizem ser S.Tomás. Fiquemos com um excerto do capítulo 12, a parábola 7 e a riqueza do seu significado. Estamos aqui perante o segredo da União, da Conjunção, da fusão dos opostos, que o rebis alquímico, na imagem acima colocada, representa.

O universo é um todo, a sua energia é feminina e masculina, feita de treva e luz, razão e emoção, discurso e iluminação. M.L.Von Franz falaria da revelação da Anima no autor do tratado, como Goethe no Fausto falará do Eterno Feminino, soma de Beleza, Caridade e Amor (sua mais secreta e íntima descoberta).

Tal como no Cântico dos Cânticos é a Amada que fala:

“Que direi então ao meu bem-amado? Eu sou a mediadora dos elementos, eu reconcilio os contrários. Arrefeço o que é quente e vice-versa. Umedeço o que é seco e vice-versa. Amoleço o que é duro e vice-versa. Eu sou o termo. O meu bem-amado é o princípio. Em mim se escondem a obra inteira e a ciência toda, a lei no sacerdote, a palavra no profeta, o conselho no sábio. (...)”⁴⁷

A resignação do eu-lírico do autor não sucumbe a obstáculos, tão pouco acomoda-se no status quo típico da estagnação: Ciente da contínua metamorfose de tudo o que o universo conjuga ato e portanto da suscetibilidade das circunstâncias à própria “potência espiritual”, evoca em voz alta seu desejo e assim seu poder, em *Eu vou torcer* (1974): “*Eu vou torcer pela paz/ Pela alegria, pelo amor/ Pelas moças bonitas/ Eu vou torcer, eu vou*”.⁴⁸

Para ele, apenas sua amada e seu amor estão à altura do Ato-Puro, mas, em suas próprias palavras, se *assim mesmo/ lá em casa todos meus amigos/ meus camaradinhas me respeitam* (*País Tropical*, 1969)⁴⁹, vale o apelo sempre íntimo e respeitoso ao “Divino” em “*Chove Chuva/ Chove sem parar/ Pois eu vou fazer uma prece/ Pra Deus, nosso Senhor/ Pra chuva parar/ De molhar o meu divino amor*”.⁵⁰

⁴⁶ BEN JOR, 1970

⁴⁷ CENTENO, 2010

⁴⁸ BEN JOR, 1974

⁴⁹ BEN JOR, 1969

⁵⁰ BEN JOR, 1963

Neste trecho, Ben Jor parece estabelecer uma relação de verossimilhança ao dizer que irá queixar-se ao “Nosso Senhor”, da “Chuva” que molha seu “Divino Amor”: como um filho pede ao Pai, providências por algo feito por um irmão, apontando mais uma vez para seu entendimento da equidade entre todas as criaturas, impressão reforçada pelos versos que se seguem: “*Que é muito lindo/ É mais que o infinito/ É puro e belo/ Inocente como a flor*”.⁵¹

E como não poderia deixar de ser, “Razão e Prudência” marcam presença em outras representações análogas da linguagem Benjoriana, a exemplo de *W/Brasil* (1992): “*Alô, Alô tia Léia/ Se tiver ventando muito/ Não venha de helicóptero*” ou “*Alô telefonista/ Me desperte às 7:15, por favor/ Rádio táxi nove e meia/ Senão o bicho pega*”; ou a célebre evocação à suposta lei, ainda que em abordagem irônica e bem-humorada: “*Eu vou chamar o síndico/ Tim Maia! Tim Maia!*”.⁵²

A manifestação de sua percepção lógica e prudente acerca dos fatos da vida também aparece em *Porque é proibido pisar na grama* (1971): “*Preciso de uma casa para minha velhice/ Porém preciso de dinheiro pra fazer investimentos/ Preciso às vezes ser durão/ Pois eu sou muito sentimental, meu amor*” ou ainda no tocante à noção de ato e potência, “*Preciso ter fé em Deus/ E me cuidar e olhar minha família*”.⁵³

O mesmo ocorre em *Se segura malandro*, canção gravada no LP *Solta o Pavão* (1975): “*Se segura, malandro/ Pois malandro que é malandro/ Não se estoura/ Se segura malandro/ Pois malandro que é malandro não se devora/ Se segura malandro pois um dia há de chegar/ A sua hora*”.⁵⁴

Em *Silvia Lenheira* gravada em 2009, o lamento do filho que busca nos detalhes de sua memória mais remota eternizar a falecida mãe e agora musa, é demonstrada através da acuracidade de sua descrição, feita no tempo presente : “*Minha mãe é Silvia Lenheira/ A rainha da casa cor de rosa/ Do chão vermelho, do teto branco/ E nas janelas muitas rosas/ Cozinha de ladrilho/ Portugueses Azuis/ Forno e fogão a lenha/ E panelas de cobre/ Talheres de prata/ E louças de porcelana chinesa/ Um tanque e um varal/ Cheio de roupas coloridas/ No fundo do quintal florido/ Um cão de guarda vira-lata latindo*”.⁵⁵

⁵¹ Ibid.

⁵² BEN JOR, 1991

⁵³ BEN JOR, 1971

⁵⁴ BEN JOR, 1975

⁵⁵ BEN JOR, 2009

A composição vívida traz consigo tamanha súplica que nos remete a Maurice Blanchot, que com o verso de Samuel Wood, - *Nós não chegamos ao fim com a idade* – traduz a dor deste *garoto intratável*”: “(...) É (de novo) o enigma, o enigma da estranheza da infância – a infância que sabe mais a seu respeito porque nenhuma resposta lhe convém, pronunciando em voz alta – a voz encantadora, encantada com o silêncio que ainda ali se mantém – o NOM SERVIAM, recusa gloriosa na aquiescência do extremo sofrimento. (...)”⁵⁶

Observando os exemplos supracitados, há um reforço da perspectiva de Giorgio Agamben, descrita também em *A vida como potência a partir de Nietzsche e Agamben*, em que os autores destacam:

[...] Em nosso entendimento, ao definir a vida como potência do pensamento, Agamben pretende restituir-lhe o estatuto ontológico e político originário, mantendo-a afastada das pretensões científicas (...). Assim, a vida se constitui como constante experiência criativa de abertura para a existência, para o mundo, para além das imposições e apreensões que os dispositivos políticos, científicos, econômicos, que dela pretendem se apossar determinando parâmetros específicos para as possíveis “formas de vida”. (...)”⁵⁷

Para Agamben, o que importa nesse contexto é devolver a vida a seu uso comum; (...) Paralisar o tempo cronológico da produção e do consumo da vida, para permitir-lhe no interior deste tempo cronológico, outra temporalidade que permita à vida humana a condição vital da experiência. [...]”⁵⁸

Observa-se aí uma nítida consonância temático-discursiva entre as máximas aristotélicas apontadas por Agamben em todo o seu estudo sobre a *potência do pensamento* e as ocorrências desta mesma corrente filosófica absorvida por Jorge Ben Jor a partir de Aquino. [...] “O arquiteto tem a potência de construir mesmo quando não está construindo. (...) A potência é, pois, definida essencialmente pela possibilidade de seu não-exercício, tal como *hexis* significa: disponibilidade de uma privação. Assim, o arquiteto é potente na medida em que pode não construir.”⁵⁹

Não seria leviano, portanto, apreender que, tal como a Escolástica inaugurou um modelo de ensino ao propor que os alunos fossem incitados à elaboração de conceitos pertinentes ao seu repertório e percepção próprios de mundo, ao invés da

⁵⁶ BLANCHOT, 2002, p. 40

⁵⁷ BAZZANELLA e ASSMANN, 2013, p. 61

⁵⁸ AGAMBEN, 2015, p. 60

⁵⁹ AGAMBEN, 2015, p. 246

mera repetição do que lhes era dito pelos padres em salas de aula; que a veia central da obra do artista brasileiro parece orquestrar, no que pode parecer um despretenso uníssono de distração, uma espécie de Ode ao Não-Determinismo: A forma assumida por uma criatura, seu *ato*, não define seu potencial, apenas repercute o diálogo entre as suas múltiplas instâncias no campo da matéria presente, a salvo seu caráter intrínseco de superação, que dialoga tão somente com o que lhe separa da potência.

5.1.

REACTIVUS AMOR EST – TURBA PHILOSOFURUM – O DISCO

Se a obra Benjoriana como um todo é perpassada pela forte influência dos preceitos Tomistas, existe um disco em particular que parece ter sido concebido para registrar tal relação com clareza e intuito específicos.

Reactivus Amor Est - Turba Philosophorum (2004), o 26º álbum da carreira do cantor, é composto por dezesseis faixas que trazem consigo, em diferentes níveis, um apelo apurado às máximas do Aquinate. Traduzindo do latim temos como título “amor reativa – filosofia da multidão”, abrindo o caminho para canções que parecem ter sido escritas literalmente para reativar o amor e a esperança do artista, envolvendo seu universo em uma espécie de escudo de boas vibrações criadas através da anunciação da palavra pelos “filósofos” anônimos, ou simplesmente, pela sabedoria popular.

Em *Gabriel, Rafael, Miguel*, Jorge apresenta a sua tríade angelical, homenageando também o seu segundo filho que, como já fora dito, recebeu o nome do anjo da anunciação: “*Gabriel, Rafael e Miguel/ Estão na área pra limpar e harmonizar/ Esse trio desfaz e espanta qualquer coisa ruim/ Qualquer coisa fútil, qualquer baixo astral/ Neutraliza ataques traiçoeiros/ Derruba qualquer defesa braba/ Em nome do amor, em nome do pai*”.⁶⁰

Com *Sãos e Salvos*, percebemos a nítida fusão temática construída pelo autor entre a benção do amor divino exaltado como lúcido e abençoado (“*Seremosãos e salvos/ pela alegria, pelo amor/ Assim disse o poeta recitando com fervor*”) e a bem-aventurança do amor humano, falho e carnal: “*Tá chovendo, tá fazendo frio/ Porque você não vem me dar um pouquinho só/ Do seu carinho, do seu amor/ Quando você chegar bela paixão, entre pela janela do meu coração/ Quando você entrar bela paixão me beije, me abrace/ Me toque, me morda, me ame, me acaricie/ Me deixando com água na boca/ Sãos e salvos, são e salvos*”.⁶¹ Observamos com destaque a orquestração filosófica criada a partir da ideia supracitada do amor como potencialidade manifesta do “ato puro, ou de “Deus”.

⁶⁰ BEN JOR, 2004

⁶¹ Ibid

Esta mesma linha poético-conceitual aparece em *A história do homem*: “*Todo homem nasceu do amor de alguém/ Todo homem viveu na dependência de alguém/ Todo homem tem que ser feliz com alguém/ Essa é a história do homem/ Que eu queria lhe contar/ Essa é a história do homem/ Que tocava pandeiro pra maluco dançar/ Aquele homem, aquele santo homem/ Só porque pensava diferente/Falava com destreza/ Curava e era esclarecido/ Estudava os pássaros e as estrelas/Era olhado como um bruxo e um fora da lei*”;⁶²

Para Jorge Ben Jor, o “Santo homem” pode ser um missionário da fé ou da alegria, pode ser católico ou bruxo, rezar ou tocar pandeiro, não importa: Todos os que forem nascidos têm a mesma e absoluta importância, qualquer das funções exercidas por eles tem a mesmíssima relevância, desde que ambas comuniquem o bem para os demais. O sábio pode ser o instruído, escolarizado, mas também e com louvor, ser o livre “entendedor” dos dons da existência, sem dever satisfações à nenhuma corrente religiosa: “*Por isso mesmo sendo difícil de pegar com a mão/ Trazia um parabelum na cintura/ Para espantar assombrações, quebrantes e mau olhados/ Dizia ele que a ciência faz análise/ E assim nos proporciona o conhecimento/ A filosofia faz a síntese e o sonho/ E assim nos proporciona alegria e a sabedoria/ Homem, homem, homem, homem/ Dizia aquele homem que só seria livre/ Quando ele pudesse escolher e fazer/ Um filme da sua vida/ Livre para pensar, livre para amar/Livre para voar, o homem.*”⁶³ – Sim, mesmo com a fé que lhe guia, o homem só existe, assim como em Aquino, do ponto de vista da filosofia, se for livre para exercer a si e ao que acredita como divindade manifesta: o dom da própria vida.

[...] “Convém registrar o seguinte: não há dúvida de que a filosofia do Aquinate é cristã. Mas no sentido de que parta previamente da fé, do dogma, para explicar verdades da razão. É cristão porque o que alcança a razão como verdade não contraria o que a fé revela como dogma. [...] Configura-se cristã a filosofia, portanto, porque serve de instrumento – razão pela qual, na terminologia escolástica, foi chamada de serva da teologia (*ancilla teologiae*).”⁶⁴

Pode-se dizer que Jorge ousa ao utilizar tal abordagem tão fora da visão imposta pelo catolicismo, ainda que a religião seja o eixo de sua fé aplicada à arte.

⁶² BEN JOR, 2004

⁶³ Ibid

⁶⁴ FAINTANIN, 2006, p. VI e VII

Neste mesmo sentido, encontramos diversas impressões que parecem se conectar à visão do artista, no texto sobre o “homem cordial”, de Sérgio Buarque de Holanda, publicado em *Raízes do Brasil*:

[...] A exaltação de valores cordiais e das formas concretas e sensíveis da religião, que no catolicismo tridentino parecem representar uma exigência do esforço de reconquista espiritual e da propaganda da fé perante a ofensiva da Reforma, encontraram entre nós um terreno de eleição e acomodaram-se bem a outros aspectos típicos do nosso comportamento social. Em particular a nossa aversão ao Ritualismo. [...] Normalmente nossa reação ao meio em que vivemos não é uma reação de defesa. A vida íntima do brasileiro nem é bastante coesa, nem bastante disciplinada, para envolver e dominar toda a sua personalidade, integrando-a como peça consciente, no conjunto social. Ele é livre, pois, para se abandonar a todo o repertório de ideias, gestos e formas que encontre em seu caminho, assimilando-os frequentemente sem maiores dificuldades.”⁶⁵

Já na penúltima faixa, a que viria a se tornar o subtítulo do disco, *Turba Philosophorum*, são evocadas as vozes do povo - as testemunhas oculares (*Oculus Abis*) - das leis que regem o universo ao longo dos séculos, desde o começo dos tempos. Sim, as leis alquímicas e os preceitos de Aquino são novamente enunciados: “*O tempo alfa é igual ao tempo ômega/ O tempo ômega é igual ao tempo alfa/ O tempo perguntou ao tempo/ Quanto tempo o tempo tem/ O tempo respondeu pro tempo que/ Tem o mesmo tempo que o tempo tem/ O tempo alfa/ É igual ao tempo ômega/ O tempo ômega/ É igual ao tempo alfa/ Princípio e precisão/ Precisão e princípio/ O que está no alto/ É como que está em baixo/ O que está em baixo/ É como que está no alto*”. Por fim, não faltando é claro, uma nova menção à Razão e à Prudência: “*Precisamos salvar os velhos/ Precisamos salvar as flores/ Precisamos salvar as criancinhas e os cachorros*”.⁶⁶

“[...] O mistério do dois em um, de que se formará o três em um (pois que em apertada união, a tripla corda) aponta para o outro mistério da Tábua de Esmeralda, “o que está em cima é como o que está em baixo...” redefinindo o olhar que se tenha sobre Deus e o universo criado: dois em um igual a Tudo em Um, o Um e o Todo da serpente ouroboros primitiva. [...]”⁶⁷

Na canção que encerra o álbum, *C 589* ou *Cânon 589*,⁶⁸ Ben Jor expõe de maneira definitiva o enlace de sua criação com o pensamento Tomista,

⁶⁵ HOLLANDA, 1936, p. 182

⁶⁶ BEN JOR, 2004

⁶⁷ CENTENO, 2010

⁶⁸ BEN JOR, 2004

transcrevendo na trechos de autoria do Aquinate e oferecendo-lhe os créditos, ainda que com suas adaptações: “*O Cânon 589 estabelece/ Que o estudo da filosofia e da teologia/ Deve ser feito de acordo com o ensinamento/ De Santo Tommaso D'Aquino/ O mundo é um suceder de níveis/ Desde a matéria inanimada/ Até a suprema beatitude/ Do ser eterno que é Deus/ A primeira lei natural/ A conservação da vida, a geração/ A educação dos filhos/ O desejo de verdade/ A segunda lei humana/ Positiva estabelecida pelo homem/ Com base na lei natural/ E dirigida à utilidade comum/ A terceira lei divina/ É guiar o homem para o bem sobrenatural/ E para o bem temporal/Assim falou o Santo Tommaso D'Aquino.*”⁶⁹

“[...] E também no que se refere à *prudentia* estão, como pano de fundo, os dois elementos-chave de Tomás: mistério e liberdade. Afirmar a *prudentia* é afirmar que cada pessoa é a protagonista de sua vida, só ela é responsável, em suas decisões livres, por encontrar meios de atingir seu fim: a sua realização. Esses meios não são determináveis *a priori*; pertencem, pelo contrário, ao âmbito do contingente, do particular, do incerto do futuro e, necessariamente, a *prudentia* se faz acompanhada da insegurança, da necessária insegurança que se faz presente em toda vida autenticamente humana. Afinal, para Tomás, o que o conceito de pessoa acrescenta à essência humana é precisamente a individualidade concreta: “alma, carne e osso são configuradores do homem (*sunt de ratione hominis*); mas esta alma, esta carne e estes ossos são configurados deste homem (*sunt de ratione huius hominis*) e assim ‘pessoa’ acrescenta à configuração da essência os princípios individuais”. Qualquer atentado contra a *prudentia* tem como pressuposto a despersonalização, (...) portanto devendo transferir a direção de sua vida para outra instância: a Igreja, o Estado etc. Em qualquer caso, isso é sempre muito perigoso...”⁷⁰ (LAUAND, 2005)

⁶⁹ BEN JOR, 2004

⁷⁰ LAUAND, 2005, p. XXI, XXII e XXIII

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Jorge Ben Jor presenteia-nos na contemporaneidade de sua obra inegavelmente popular, com um vasto e complexo passeio pelas entranhas da filosofia medieval, talhando labirintos um tanto eruditos e desafiadores até mesmo para aqueles mais habituados à sofisticação do pensamento e à sua problematização. O que para muitos poderia soar apenas como construções pouco lógicas de um compositor do povo, agora revela-se como o apuro temático de décadas de mergulho na obra de um dos mais célebres pensadores da Idade Média, com o comprometimento em propagar os ideais que nortearam sua vida.

Ainda que, como todo homem e mulher sob a terra, na *steresis* de sua *hexis*, Jorge Ben Jor *não possa fazer flores e estrelas*,⁷¹ percebemos neste breve passeio por dimensões de sua obra a vista possível e privilegiada de constelações e jardins irradiados da mais singela e absoluta genialidade: O significado da vida está na dádiva bruta de estar vivo. O que separa o homem de suas infinitas possibilidades é o exato fator que o capacita para desafiar suas privações.

Jorge é genial porque reinventa-se em cada criatura a partir de sua capacidade de representá-las em meio à fluência de uma linguagem alada, quase que encantada, imaterial: Pouco fala sobre si mesmo além do que o aproxima das questões mais humanas e universais. Ele é a parabólica atenta e generosa sempre disposta a partilhar de infinito cada sinal de poeira cósmica magnetizada, seja através da filosofia erudita de seu mestre maior, São Tomás de Aquino, seja na referência ao dia-a-dia de seu povo, em cada estação de desembarque, *da Central passando pela Mangueira, dando uma volta na Pavuna, e chegando em Madureira*.⁷²

Talvez a rítmica Benjoriana cause tamanha estranheza porque sua construção poética beira a imagética da oração: Jorge é um cronista do próprio tempo pré-*bigbang*, mas também das revoluções solares e espaciais que evoca e reinventa, por entre extraterrestres e dinossauros.

⁷¹ BEN JOR, 1972

⁷² BEN JOR, 1991

*Nem Deuses, nem astronautas*⁷³: Para o Poeta, a beleza está na boca do povo que legitima sua história com a alegria dos que têm a potência como inspiração natural e fazem da privação uma dádiva de infinitas possibilidades.

⁷³ BEN JOR, 974

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, G. *A potência do pensamento*; Tradução de Antonio Guerreiro, Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2015.

AGAMBEN, G. *Profanações*; Tradução e apresentação de Selvino José Assmann. - São Paulo : Boitempo, 2007.

ALFONSO-GOLDFARB, Ana Maria. *Da alquimia à química*. São Paulo: Editora Landy, 2001.

AQUINO, Tomás de. *A Prudência – a virtude da decisão certa*; Tradução, introdução e notas de Jean Lauand. São Paulo: Martins Fontes Editora, 2005.

AQUINO, Tomás de. *Escritos Políticos*. Petrópolis: Vozes, 1995.

AQUINO, Tomás de. *De Substantiis Separatis – Sobre os Anjos*; Tradução de Luiz Astorga e Apresentação de Paulo Faitanin. Rio de Janeiro: Editora Sétimo Selo, 2006.

AQUINO, Tomás de. *Verdade e Conhecimento*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BAGNO, Marcos. *O preconceito linguístico*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BARTHES, R. *A câmara clara*. Tradução de Júlio Castanõn Guimarães. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2015.

BAUDRILLARD, J. *O sistema dos objetos*: Tradução de Zulmira Ribeiro Tavares. São Paulo: Editora Perspectiva, 1993.

BAZZANELLA, Sandro Luiz; ASSMANN, Selvino José. *A vida como potência a partir de Nietzsche e Agamben*. São Paulo: LiberArs, 2013. DELEUZE, Gilles. Foucault. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BLANCHOT, M. *Uma voz vinda de outro lugar*; tradução de Adriana Lisboa. – Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2002.

CENTENO, Yvette – *Simbologia e Alquimia em São Tomás de Aquino*; 2010 - <http://simbologiaealquimia.blogspot.com.br/2010/01/stomas-de-aquino.html> em 13/01/18.

DINIZ, Júlio; NAVES, Santuza e GIUMBELLI, Emerson (orgs.). *Leituras sobre música popular – reflexões sobre sonoridades e cultura*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

HOLANDA, S. B. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LAUAND, Luiz Jean. *Cultura e Educação na Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

SAINT GERMAIN. *A alquimia de Saint Germain*. Transcrito por Mark L. Prophet e Elizabeth Clare Prophet; Tradução de Terezinha Batista dos Santos. Rio de Janeiro: Record, 1996.

SILVA, Paulo da Costa e; *A tábua de esmeralda: A pequena renascença de Jorge Ben*, Rio de Janeiro: Cobogó, 2014.

8.

REFERÊNCIAS MUSICAIS

BEN JOR, Jorge. Mas que nada. **Samba Esquema Novo**. Rio de Janeiro, Philips Records, 1963

BEN JOR, Jorge. Chove Chuva. **Samba Esquema Novo**. Rio de Janeiro, Philips Records, 1963

BEN JOR, Jorge. Jeitão de Preto Velho. **Sacudin Bem Samba**. Rio de Janeiro, Philips Records, 1964

BEN JOR, Jorge. Anjo Azul. **Sacudin Ben Samba**. Rio de Janeiro, Philips Records, 1964

BEN JOR, Jorge. Maria Conga. **Big Ben**. Rio de Janeiro, Philips Records, 1965

BEN JOR, Jorge. País Tropical. **Jorge Ben**. Rio de Janeiro, Philips, 1969

BEN JOR, Jorge. Domênica Domingava num Domingo Linda toda de Branco. **Força Bruta**. Rio de Janeiro, Phillips Records, 1970

BEN JOR, Jorge. Negro é lindo. **Negro é lindo**. Rio de Janeiro, Phillips, 1971

BEN JOR, Jorge. Porque é proibido pisar na grama. **Negro é lindo**. Rio de Janeiro, Phillips, 1971

BEN JOR, Jorge. Fio Maravilha. **Ben**. Rio de Janeiro, Phillips Records, 1972

BEN JOR, Jorge. Moça. **Ben**. Rio de Janeiro, Phillips Records, 1972

BEN JOR, Jorge. O namorado da viúva. **A Tábua de Esmeralda**. Rio de Janeiro, Philips Records, 1974

BEN JOR, Jorge. Os Alquimistas Estão Chegando Os Alquimistas. **A Tábua de Esmeralda**. Rio de Janeiro, Philips Records, 1974

BEN JOR, Jorge. O Homem da Gravata Florida (A Gravata Florida de Paracelso). **A Tábua de Esmeralda**. Rio de Janeiro, Philips Records, 1974

BEN JOR, Jorge. Hermes Trismegisto e sua Celeste Tábua de Esmeralda (Tratado Hermético Escrito pelo Faraó Egípcio Hermes Trimegisto e Traduzido por Fulcanelli)". **A Tábua de Esmeralda**. Rio de Janeiro, Philips Records, 1974

BEN JOR, Jorge. Eu vou torcer. **A Tábua de Esmeralda**. Rio de Janeiro, Philips Records, 1974

BEN JOR, Jorge. Errare Humanum Est. **A Tábua de Esmeralda**. Rio de Janeiro, Philips Records, 1974

BEN JOR, Jorge. Se segura malandro. **Solta o Pavão**. Rio de Janeiro, Philips Records, 1975

BEN JOR, Jorge. Hermes Trismegisto escreveu. **África Brasil**. Rio de Janeiro, Philips Records, 1976

BEN JOR, Jorge. Ma Ma mãe (A língua dos Anjos). **Alô, alô, como vai?** Rio de Janeiro, Som Livre, 1980

BEN JOR, Jorge. W/Brasil. **Live in Rio Novo**. Rio de Janeiro, Warner Music, 1991

BEN JOR, Jorge. Ave Anjos Angeli. **Homo Sapiens**. Rio de Janeiro, Sony Music, 1995

BEN JOR, Jorge. Gabriel, Rafael e Miguel. **Reactivus Amor Est (Turba Philosophorum)**. Rio de Janeiro, Universal Music Group, 2004

BEN JOR, Jorge. São e Salvos. **Reactivus Amor Est (Turba Philosophorum)**. Rio de Janeiro, Universal Music Group, 2004

BEN JOR, Jorge. Turba Philosophorum. **Reactivus Amor Est (Turba Philosophorum)**. Rio de Janeiro, Universal Music Group, 2004

BEN JOR, Jorge. C 589. **Reactivus Amor Est (Turba Philosophorum)**. Rio de Janeiro, Universal Music Group, 2004

BEN JOR, Jorge. História do Homem. **Reactivus Amor Est (Turba Philosophorum)**. Rio de Janeiro, Universal Music Group, 2004

BEN JOR, Jorge. Silvia Lenheira. **Salve Jorge**. Rio de Janeiro, Universal Music, 2009